

CONJUNTURA INTERNACIONAL

A reeleição de Donald Trump abre uma nova conjuntura a nível internacional. O retorno do bilionário de extrema direita ao poder, após a invasão do Capitólio em 2021 e a condenação por fraude fiscal e violações de financiamento de sua campanha em 2016, foi a principal vitória política da extrema direita nos últimos anos. Diferente de 2016, quando ainda era um *outsider*, dessa vez Trump apresentou o movimento “MAGA (Make America Great Again)” e o “Projeto 2025” com ideais ainda mais reacionárias, xenófobas, racistas, misóginas, transfóbicas e de negacionismo climático. Não se trata de um simples “populista de direita” ou de uma mera alternância de poder entre projetos imperialistas e neoliberais, a nova eleição de Trump encontra um mundo, oito anos depois, em que as tensões se agravaram, os regimes políticos estão mais frágeis e há um cenário de avanço ideológico, eleitoral e organizativo da extrema direita a nível global. Para piorar, com a vitória no voto popular e nos sete estados-pêndulo, Trump vai governar com uma maioria na Suprema Corte, no Senado e na Câmara.

Também chama a atenção a presença no evento de posse dos principais líderes das “Big Techs”, Elon Musk (SpaceX), Mark Zuckerberg (Meta), Jeff Bezos (Amazon), Sundar Pichai (Google), Tim Cook (Apple), Shou Zi Chew (TikTok) e Sam Altman (Open AI). Apenas os três primeiros citados nessa lista somam uma fortuna de US\$ 1,3 trilhão e, mais alinhados ao *trumpismo*, não perderam tempo em reforçar uma nova onda de mudanças nas políticas corporativas das redes sociais, com menos checagem de fatos, ainda mais abertura à disseminação de fake news, desinformação e discurso de ódio. O que só reforça a importância estratégica para qualquer país que preserve a sua soberania de regulamentar as redes sociais em seus territórios. Hoje, mais do que nunca, essa luta pela regulamentação das plataformas de redes sociais é uma luta contra a extrema direita. Os gigantes das Big Techs também representam um avanço na política de espoliação da natureza e um bom exemplo disso é o movimento de Elon Musk em drenar recursos minerais da região amazônica, tanto da Colômbia quanto do Brasil, em troca de um possível acesso à internet em áreas remotas. Este acesso à internet fornecido pela Starlink, mais uma dos empreendimentos de Musk, teve papel central na comunicação entre garimpeiros ilegais e tem invadido comunidades indígenas, além de ser muito utilizada pelo exército e pela marinha brasileira, trazendo mais preocupações sobre o fluxo de dados de segurança.

Importante identificar que o lançamento da *Deepseek*, empresa chinesa de Inteligência Artificial, sem gastos astronômicos, com menos consumo de água e energia elétrica e com código aberto, sacudiu a bolha financeira das empresas norte-americanas

que, embora continuem a expandir seus negócios, sofreram perdas. Do nosso ponto de vista, o desenvolvimento da Inteligência Artificial sob propriedade comum, de forma gratuita, aberta e acessível, precisa estar a serviço da humanidade, das necessidades sociais e da libertação do trabalho exaustivo, ao invés de gerar lucros e reduzir empregos.

Os mais de 200 decretos e 80 revogações de leis do governo Biden, assinados por Trump no primeiro dia de mandato sinalizaram o que podemos esperar do novo governo. Não há como deixar mais nítido o seu negacionismo climático. O slogan “perfore, baby, perfore” já se traduziu na ruptura com o Acordo de Paris, ampliação de subsídios para petrolíferas, cancelamento da proibição de exploração de petróleo e gás em regiões protegidas, corte no subsídio a fontes de energia renováveis, permissão para exploração de minerais em terras indígenas, a saída da OMS, entre outros. Este movimento de Trump tem inspirado grandes conglomerados internacionais à irem no mesmo sentido e abandonando políticas de acordo climático como a Net-Zero Banking Alliance. Nesse sentido, a COP 30 pode ser um importante espaço de contraposição a política de destruição da natureza do neofacismo se conseguir superar um espaço somente de retóricas e traçar ações efetivas para mitigação, adaptação e cooperação internacional em resposta à emergência climática. Será também importante o PSOL se somar aos espaços e atividades paralelas à COP construídos por movimentos sociais e diversos setores da esquerda radical. Essa será uma oportunidade de visibilizar nosso projeto alternativo de sociedade, pautado na defesa da natureza e dos mais vulnerabilizados em meio à emergência climática.

Também os inimigos principais já foram eleitos. De um lado, os imigrantes e de outro lado a China. A proposta de campanha de realizar a maior deportação em massa de imigrantes da história dos Estados Unidos, utilizando as forças armadas e uma Lei de guerra do século XVIII (Lei dos Inimigos Estrangeiros), já está sendo colocada em prática. No plano da política externa, não há dúvida que o “*American Frist*” é um projeto de longo prazo para preservar a hegemonia dos EUA sobre o mundo e a linha de ampliação da agressão econômica e geopolítica contra a China, bem como novas restrições ao comércio internacional e ameaça a países como Irã e México são explícitas no documento programático “Projeto 2025”.

É, nesse contexto, que devemos interpretar que, como parte de seu projeto de aprofundamento de subordinação global ao imperialismo norte americano, Trump escolheu a América Latina como um de seus principais alvos. As agressões permanentes aos imigrantes e a exaltação desavergonhada da xenofobia e do racismo se traduziu, em geopolítica, em agressões diretas e a ameaças às nações latino americanas. A

espetacularização das deportações vexatórias de cidadãos latino americanos veio acompanhada de provocação a soberanias dos países de nosso continente. E a ameaça de guerra alfandegária e de ocupação militar do canal do Panamá também são objetos de preocupação.

Nesse sentido, é preciso fazer um destaque ao importante papel que a Presidenta mexicana, Cláudia Sheinbaun, também vem cumprindo na defesa da soberania do México e da América Latina. O país, por ter uma enorme região de fronteira com os EUA, é também o maior alvo de ataques por parte de Trump, que ameaça desde 2016 a construção de um muro em toda a região de fronteira e quer renomear o golfo do México como golfo da América.

Nessa disputa política, não podemos esquecer do papel de Gustavo Petro, presidente da Colômbia que, enfrentou Trump, publicou um texto inspirador em respostas às ameaças do fascista americano e após batalha tarifária obrigou o governo americano a recuar. Nosso país não passa ileso por essas várias ameaças. Dias após a sua posse, o presidente americano, disse que os EUA não precisavam do Brasil, deportou centenas de brasileiros em condições degradantes e nos últimos dias anunciou o aumento das tarifas para 25% sobre a exportação do aço brasileiro para os Estados Unidos. Essas agressões ocorrem pela importância econômica do Brasil no mundo e pela localização geopolítica junto aos BRICS. A defesa incondicional do "MAGA" por parte do bolsonarismo nesse contexto só reforça o caráter entreguista e os perigos de um retorno ao poder da extrema direita em 2026, dessa vez alinhada a um governo Trump mais poderoso.

Ainda, é importante registrar que Benjamin Netanyahu foi um dos primeiros a apressar-se a parabenizar Trump pela vitória. É preciso tratar com a máxima seriedade as ameaças recentes e a demonstração de que os Estados Unidos têm interesse na ocupação direta e de longo prazo da Faixa de Gaza, às custas do deslocamento dos dois milhões de sobreviventes do genocídio para países vizinhos como Egito e Jordânia. A tentativa de Trump de fazer de Gaza uma "Riviera do Oriente Médio", as propostas de compra da Groenlândia, a indexação do Canadá ao território estadunidense e a retomada de controle do Canal do Panamá pelos EUA expõe o caráter imperialista associado ao neofascismo de sua administração.

A melhor notícia internacional do início de 2025 foi o anúncio do cessar fogo, depois de mais de um ano de um genocídio sem precedentes nas guerras no século XXI. Lutar

pelo cumprimento integral do cessar fogo por parte de Israel é uma tarefa internacionalista estratégica, pois sabemos dos limites do acordo anunciado. É limitado porque desde o seu anúncio Israel já realizou ataques à Faixa de Gaza e porque não sabemos se ele chegará até a sua fase final. Apontar essas limitações, não significa menosprezar a importância desse fato. É preciso compreender que o cessar fogo só ocorreu após um nível histórico de destruição humana e de infraestrutura da Faixa de Gaza.

Nesse quadro, iremos acompanhar com a máxima atenção dois processos eleitorais importantes no início de 2025, as eleições presidenciais no Equador e na Alemanha. No país sul americano, o primeiro turno resultou no empate técnico entre o atual presidente, Daniel Noboa, e Luísa González, candidata da esquerda. O empresário do ramo da banana, durante o governo, veio se aproximando de Nayib Bukele, o presidente neofascista de El Salvador e, nesse esteio, aprovou uma série de retrocessos no campo da segurança pública e dos direitos humanos. Agora, para o segundo turno, a tática da unidade da esquerda se mostra decisiva para evitar a reeleição de Noboa. Já no país europeu, as eleições foram antecipadas depois que a coligação tripartida do chanceler social democrata Olaf Scholz entrou em colapso durante a votação do orçamento de 2025 e a grande novidade política do cenário recente é o crescimento da Afd, partido de extrema direita, que alcançou resultados expressivos nas eleições em 2024.

Frente a essa nova conjuntura, não há dúvida de que, no plano internacional, a primeira tarefa do PSOL é apoiar iniciativas no terreno eleitoral, da articulação política e das mobilizações sociais que busquem combater o crescimento da extrema direita ao redor do mundo. As mobilizações antifascistas em Buenos Aires e os protestos contra o crescimento da Afd na Alemanha são exemplos importantes de resistência. Assim, combinar iniciativas de unidade da esquerda para resistir no plano social e eleitoral com a construção de uma alternativa socialista que possa dar os necessários combates ideológicos é chave nesse momento.

CONJUNTURA NACIONAL

1. A eleição de Donald Trump nos Estados Unidos teve repercussões significativas no Brasil, influenciando desde políticas migratórias até o fortalecimento de movimentos de extrema-direita em escala global. A deportação de brasileiros em condições desumanas, a imposição de tarifas sobre o aço e a liderança que Trump exerce no campo da extrema-direita no Brasil são exemplos desse impacto.

2. A estratégia de fake news e desinformação, impulsionada pela ultradireita, ganhou força com ações coordenadas, como a campanha liderada por Nicolas Ferreira em relação à suposta taxaço do PIX. Essa pressão resultou em um significativo desgaste para o governo Lula, que acabou recuando da proposta. Esse episódio, somado ao alinhamento de grandes empresas de tecnologia com ideais trumpistas, evidenciou a urgência de uma regulamentação mais rígida das plataformas digitais. O debate sobre o funcionamento dessas ferramentas envolve a defesa da democracia e da soberania nacional.

3. No cenário econômico, ao final de 2024, o Brasil vivenciou uma intensa disputa em torno do orçamento público, refletindo as disputas que envolvem a agenda econômica. Apesar de um pacote fiscal regressivo, que limitou investimentos em áreas sociais, o mercado financeiro promoveu um ataque especulativo, elevando artificialmente o valor do dólar entre dezembro e janeiro. Essa manobra visava desestabilizar o governo Lula, criando um clima de incerteza e instabilidade econômica. Paralelamente, o Banco Central anunciou o aumento das taxas de juros, beneficiando mais uma vez o setor financeiro. Esse fatores, aliados à pressão inflacionária em cima do preço dos alimentos impactou negativamente a popularidade do presidente Lula no início deste ano.

4. A disputa pelo orçamento público também se desenrolou no Congresso Nacional, onde as emendas destinadas a deputados e bancadas muitas vezes superam o orçamento de ministérios inteiros. A subversão de papéis entre os poderes legislativo e executivo ganha novos contornos com a PEC 02/2025, que propõe a transição para um sistema semipresidencialista a partir de 2030 e que conta com a assinatura de quase 200 deputados, incluindo o atual presidente da Câmara de Deputados Hugo Motta.

5. Após quatro anos de uma gestão marcada por autoritarismo e truculência, Arthur Lira deixou a presidência da Câmara. A eleição de Motta, com amplo apoio de diversos setores, incluindo parte do campo progressista, demonstra a força política e a influência do Centrão na Câmara de Deputados. Motta já sinalizou a defesa das emendas parlamentares e que irá centrar nas pautas econômicas. Apesar de seu discurso de posse, que demonstrou o respeito aos valores democráticos, contra a ditadura e autoritarismo, Motta deu declarações graves à imprensa: afirmou que não via os atos golpistas de 8 de janeiro como uma tentativa de ataque à democracia e criticou o tempo de inelegibilidade dos condenados pela lei da ficha limpa, sinalizando assim para a agenda bolsonarista no Congresso Nacional. Em contrapartida, o PSOL apresentou acertadamente a candidatura

do deputado Henrique Vieira, defendendo pautas progressistas como a regulamentação das redes sociais, o fim da escala de trabalho 6x1 e a isenção do imposto de renda para quem ganha até R\$ 5 mil.

6. Diante de um cenário marcado pela força da extrema-direita, por um Congresso que prioriza agendas retrógradas e pela pressão do mercado financeiro, o PSOL deve seguir como base de apoio ao governo Lula, defendendo uma política econômica distributiva e que rompa com a lógica de austeridade fiscal. Além disso, é crucial aproveitar as brechas políticas para pautar debates públicos, como a luta contra a escala 6x1, liderada pela deputada Erika Hilton e o vereador Rick Azevedo. Além disso, PSOL deve participar e fortalecer a construção do plebiscito popular em defesa da taxaçoão dos super-ricos, do fim da escala 6x1 e da isenção do imposto de renda para rendas de até R\$ 5 mil articulado com as frentes Povo Sem Medo e Brasil Popular. A unidade do campo progressista, aliada à mobilização popular, é essencial para enfrentar a conjuntura atual, assim como compreender e assimilar que a disputa de hegemonia cultural na etapa histórica que vivemos hoje não pode de nenhuma forma ser negligenciada.

7. O PSOL defende o combate à crise climática, a preservação das florestas e biodiversidade, a proteção dos povos originários e tradicionais, e a transição para uma matriz energética limpa, renovável e responsável pelas compensações sociais e ambientais, em busca de um futuro livre do consumo de combustíveis fósseis no Brasil, por isso vemos com preocupação a proposta de exploração de petróleo na Foz do Amazonas. É importante seguirmos na busca pela redução da emissão dos gases de efeito estufa, preservando a rica diversidade socioambiental brasileira.

8. O PSOL deve manter uma postura intransigente na luta contra a anistia aos envolvidos no ataque de 8 de janeiro, buscando responsabilizar articuladores e financiadores desse grave atentado à democracia. Além disso, é fundamental garantir que Jair Bolsonaro seja responsabilizado não apenas por esse crime, mas também por suas ações genocidas durante a pandemia, que agravaram a crise sanitária no país, que fez com que o Brasil atingisse um dos piores indicadores mundiais de infecção e morte pela COVID 19.

9. Mais uma vez o Brasil sofre as consequências da emergência climática, seja pelas fortes chuvas, seja pelas temperaturas extremas que assolam o país. Por isso é essencial discutir um novo paradigma econômico que priorize a justiça ambiental e a

realização da COP 30 em Belém em 2025 representa uma oportunidade única para debater a crise climática e propor um modelo econômico que responda a necessária transição energética e o PSOL deve ter papel de incentivar esse debate na sociedade.

10. Março é mês de luta! Por isso, convocamos toda a militância do PSOL, parlamentares e diretórios a se somarem na construção dos atos do 8 de março e do 14 de março. Além disso, em tempos em que a democracia sofre graves ameaças no Brasil, devemos nos somar também às mobilizações do dia 31 de março, encampando a luta SEM ANISTIA para nenhum golpista dos atos antidemocráticos de 8 de janeiro de 2023.

EM DEFESA DA JUSTIÇA SOCIAL E CLIMÁTICA!

SEM ANISTIA PARA GOLPISTA!

BOLSONARO NA CADEIA!

PELA TAXAÇÃO DOS SUPER-RICOS!

VIVA A LUTA DAS MULHERES!

MARIELLE E ANDERSON, PRESENTE!

DITADURA NUNCA MAIS!